

Comportamentos Compulsivos em Cães – Relato de Caso

Bianca Ribeiro Terçariol¹; Maria Aparecida de Alcântara²

Palavras-chave: Cães. Compulsão. Enriquecimento ambiental.

Introdução

Compulsão é um comportamento repetitivo em resposta a impulsos incontroláveis (WHITBOURNE e HALGIN, 2015). As obsessões são pensamentos, impulsos ou imagens persistentes e indesejáveis (PHILLIPS, 2014). Não se pode provar que a obsessão de seres humanos se aplique igualmente aos cães, sendo denominada nos animais transtorno compulsivo (HEWSON e LUESCHER, 1996). A fisiopatologia desse transtorno não é compreendida, sabe-se que as beta-endorfinas, serotonina e dopamina estão envolvidas (HORWITZ e NEILSON, 2008). Convulsões psicomotoras podem se manifestar como anormalidades comportamentais estereotipadas (NELSON e COUTO, 2001). Pode ser causado por motivos ambientais que causem estresse como conflito com outro cão (LUESCHER, 2003). Para diagnosticar é necessário que as causas que levam ao comportamento sejam excluídas (LANDSBERG, HUNTHAUSEN e ACKERMAN, 2013). Inicialmente eliminar o que causa estresse no cão, se a causa de estresse não pode ser eliminada, dessensibilizar o animal (LUESCHER, 2003). Uma vez que existe uma variedade de comportamentos com diferentes graus de intensidade, o prognóstico é variável (LANDSBERG, HUNTHAUSEN e ACKERMAN, 2013). Esse trabalho tem como objetivo relatar o caso de um cão com comportamentos compulsivos que foi tratado através do enriquecimento ambiental.

Relato de Caso

Uma fêmea da raça Border Collie, 6 meses foi levada a creche apresentando alopecia na cauda. Após duas semanas começou a abocanhar moscas imaginárias, na terceira semana ficou hospedada em um hotel onde apresentou comportamento de perseguir e abocanhar cauda, esse comportamento continuou quando o animal voltou a creche. Apesar de apresentar alopecia na cauda já no primeiro dia de creche, o responsável nunca havia observado esses comportamentos. A perseguição e abocanhamento da cauda se intensificaram, não sendo possível definir a causa. Foi realizado enriquecimento ambiental e após a terceira semana verificou-se a redução dos comportamentos. Após algumas semanas a paciente ficou novamente hospedada em um hotel e quando retornou os comportamentos se intensificaram novamente, porém, conforme os enriquecimentos ambientais e treino de obediência foram sendo aplicados os comportamentos regrediram até cessarem.

¹ Medicina Veterinária – UTP

² Professora do curso de Medicina Veterinária – UTP

Discussão

Os comportamentos compulsivos podem ser consequência de fatores que causem estresse como conflitos com outros cães e ansiedade de separação (LUESCHER, 2003). Essas são causas muito possíveis para o desencadeamento do comportamento no cão relatado, pois durante o período de creche ou de hotel, ela convivia com muitos cães e ficava separada da família, além disso o fato de ela não apresentar esse comportamento na presença dos tutores reforça a hipótese. Convulsões psicomotoras podem se manifestar como anormalidades comportamentais paroxísticas e estereotipadas (NELSON e COUTO, 2001) por isso foi sugerida a consulta neurológica, porém os tutores não aceitaram a sugestão. O diagnóstico do transtorno deve ser feito através da exclusão de causas médicas que possam levar a compulsão (LANDSBERG, HUNTHAUSEN e ACKERMAN, 2013) porém nenhuma foi excluída. A primeira tentativa de tratamento é tentar eliminar o que causa estresse no cão (LUESCHER, 2003). Em casos que se iniciaram a muito tempo a terapia medicamentosa torna-se necessária (LUESCHER, 2000). A paciente relatada realizou apenas o manejo comportamental durante o período em que ficava na creche e assim foi obtida uma resposta positiva. O prognóstico é variável devido a variedade e diferentes graus de intensidade (LANDSBERG, HUNTHAUSEN e ACKERMAN, 2013). No caso relatado o prognóstico foi bom, já que o comportamento cessou somente com o manejo comportamental.

Conclusão

Os comportamentos compulsivos interferem na qualidade de vida dos cães, por isso é muito importante que a causa seja descoberta rapidamente para que seja feito o tratamento e o prognóstico seja melhor. Devido a falta de conhecimento da fisiopatologia do transtorno, são necessários mais estudos. No caso relatado não foi possível confirmar se havia um fator ambiental que desencadeava os comportamentos, porém, as situações em que a paciente apresentava as alterações, eram compatíveis com a ausência do dono e com a presença de outros cães, o que pode indicar que isso a estressasse e conseqüentemente manifestasse o comportamento. A paciente demonstrou uma melhora significativa com o manejo comportamental, porém quando passava longos períodos na ausência do dono, regredia. Esse fato reforça a suspeita de que os comportamentos eram desencadeados pela separação do tutor.

Referências

- HEWSON, C. J.; LUESCHER, U. A. Compulsive disorder in dogs. Readings in Companion Animal Behaviour. Veterinary Learning Systems, Trenton, NJ, p. 153-158, 1996.
- HORWITZ, D. F; NEILSON, J. C. Comportamento canino e felino. Tradução de João Sérgio C. De Azevedo. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 15 – 566.
- LANDSBERG, G., HUNTHAUSEN, W., ACKERMAN, L. Behavior Problems of the dog and cat. 3 .ed. Elsevier, 2013. p. 166-171.



LUESCHER, A. Compulsive behavior in companion animals. Recent advances in companion animal behavior problems. Edited by Houpt KA: International Veterinary Information Service. Available at: [www. IVIS. org](http://www.IVIS.org). Accessed December, v. 20, p. 2007, 2000.

NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Medicina interna de pequenos animais. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. 773-774 p.

PHILLIPS, K. A. et al. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: Transtorno obsessivo-compulsivo e transtornos relacionados. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p 237.

TYNES, V. V.; SINN, L. Abnormal Repetitive Behaviors in Dogs and Cats: A Guide for Practitioners. Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice, v. 44, n. 3, p. 543-564, 2014.

WHITBOURNE, S. K.; HALGIN R. P. Psicopatologia: perspectivas clínicas dos transtornos psicológicos. Tradução de Maria Cristina G. Monteiro. 7.ed. Porto Alegre: Amgh, 2015, p. 199.